

# **MOVIMENTO INSTITUCIONAL: RESSONÂNCIAS DE UM PROCESSO MUSICOTERÁPICO<sup>1</sup>**

**Michele Simone Sodré**

## **RESUMO**

Relato de nove meses de trabalho realizado na Fundação Leão XIII, proporcionado pelo Projeto Buscando Caminhos Através da Arte. Relacionando as movimentações institucionais com o processo musicoterápico, observou-se questões sobre o procedimento clínico, e o resultado deste processo para a melhora das relações existentes no funcionamento institucional.

## **INTRODUÇÃO**

Em meu caminho como estagiária de musicoterapia, tive a oportunidade de passar por diversas instituições. Estas organizações de modo geral mantinham formas de funcionamento muito parecidas, ao mesmo tempo se diferenciavam dando-me a oportunidade de repensar em cada experiência a minha atuação com terapeuta.

O trabalho que pude exercer na Fundação Leão XIII, foi a mola que precisava para que me sentisse mais empenhada, em refletir sobre as questões institucionais e a clínica musicoterápica.

As intensas mudanças ocorridas durante o processo, a grande oportunidade de estar em contato com uma instituição Estadual, e a dura realidade encontrada nesta organização, foram pontos de intensa reflexão que certamente acrescentariam o meu crescimento como musicoterapeuta e conseqüentemente ampliariam os meus horizontes com relação a profissão que estou abraçando.

---

<sup>1</sup> Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de musicoterapeuta. Conservatório Brasileiro de Música - Centro Universitário. Orientador: Marly Chagas. 2002

Com este relato o meu desejo sincero é poder contribuir com outros profissionais e colegas de profissão, colocando-os em contato com as experiências que tive com a Fundação Leão XIII , abrindo novos caminhos para reflexões da prática musicoterápica em instituições.

## **CAPÍTULO I - BUSCANDO CAMINHOS ATRAVÉS DA ARTE**

### **1.1 - O PROJETO**

O projeto “*Buscando Caminhos através das Artes* “ foi um convênio realizado em 2002 através de um convênio firmado entre a Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social e o Conservatório Brasileiro de Música para usuários e funcionários do Centro de Recuperação Social –CRS em Fonseca, Campo Grande e Itaipu da Fundação Leão XIII.

O projeto considera que

“ A arte, responsável pela harmonia entre o sentimento e a cognição, entre a intuição e a razão, entre o individual e o coletivo, e a alfabetização dos sentidos, permitirá aos usuários e aos funcionários um trabalho que os instrumentalize para a compreensão de uma nova leitura de mundo, para a construção de uma nova história pessoal que se faz na relação e responsabilidade social” .( Projeto, 2002)

Como nesses Centros muitos dos usuários estão numa situação limite de vida, e necessitam de um atendimento mais especializado, o projeto ofereceu um trabalho de Musicoterapia para os funcionários.

“As vivências musicais proporcionadas pela Musicoterapia estimulam a criatividade e auto confiança, ajudando a mobilizar o potencial de saúde do usuário e funcionário. As experiências com as linguagens artísticas e com a Musicoterapia lidam com afetividade por serem diretamente ligadas a percepção, à comunicação das sensações, das emoções e das reflexões. Permite ao ser humano se perceber melhor e com isto perceber o outro”. ( Projeto 2002)

O objetivo geral do projeto foi o de *Capacitar os profissionais e realizar oficinas de artes com os usuários dos Centros de Recuperação Social (CRSs) para a compreensão de uma prática que considere o eixo cultural como referencial básico*

*de identidade pessoal e coletiva*. Objetivo esse que se pretendeu alcançar através dos seguintes objetivos específicos:

- Realizar vivências das diferentes linguagens artísticas nas quais identifiquem e compreendam a sua significação histórico – social.
- Instrumentalizar para um desenvolvimento de um trabalho apoiado na relação arte –expressão-saúde
- Estimular a organização de grupos vocais e instrumentais .
- Valorizar e desenvolver um trabalho corporal .
- Trabalhar com o imaginário através das artes plásticas.
- Estimular a memória e o prazer através dos trabalhos com os contadores de histórias e eventos artísticos.
- Propiciar a experiência da auto–expressão possibilitando o fortalecimento da autonomia dos usuários e a percepção mais aguçada e sensível dos funcionários.
- Facilitar o entrosamento e o entendimento entre usuários e funcionários em atividades realizadas em conjunto nas oficinas de artes.”

Nos períodos de março a dezembro de 2002 as pessoas envolvidas com as instituições tiveram oportunidade de vivenciar novas experiências das suas relações pelo contato com a arte, podendo assim contribuir para uma possível melhora nas relações e nos aspectos institucionais.

Contador de história, atividades plásticas e expressão corporal- teatro- dança organizaram-se em forma de módulos trimestrais e a educação musical durante nove meses, isto é, toda a duração do projeto foram oferecidos especificamente ao grupo de usuários da instituição. A musicoterapia é destinada ao trabalho com funcionários e também é oferecida durante os nove meses de duração do projeto.

Materiais necessários ao funcionamento das oficinas foram fornecidos pelo próprio projeto; musicoterapia e educação musical contam com dois violões, quatro atabaques, dois agogôs, três tamborins, dois berimbaus, dois chocalhos, três pandeiros, dois triângulos, um surdo, uma caixa clara e dois cavacos. Expressão corporal e artes têm seus materiais fornecidos de acordo com a necessidade e a solicitação dos profissionais responsáveis; todos que estavam envolvidos no projeto eram remunerados, profissionais e estagiários.

Cada profissional pode contar com um estagiário. Tanto os musicoterapeutas quanto estagiários foram escolhidos pela coordenação do Projeto.

Me deterei em narrar os acontecimentos ocorridos na unidade de Campo Grande, onde eu e o musicoterapeuta Gustavo Prado atuamos como musicoterapeutas. O objetivo deste relato é analisar as mudanças institucionais e os seus movimentos, relacionando-os ao movimento musical expressado nas sessões de musicoterapia. Como resultado desta análise, obter dados que possam apontar transformações obtidas a partir do processo musicoterápico, um melhor funcionamento institucional.

## **1.2 - O CENTRO DE RECUPERAÇÃO SOCIAL DE CAMPO GRANDE**

A instituição se localiza em uma área rural consistindo seu espaço interno em: portaria, sala da administração, lavanderia, alojamentos, cozinha/ refeitório sala de enfermagem, balcão de reuniões, carpintaria, campo de futebol, uma casa para aulas de artesanato chamada casa de cultura e uma área reservada ao cultivo de hortas.

Os alojamentos se dividem em novos e antigos; sendo os novos os que se chamam Verde-água e Amarelo. Os alojamentos novos possuem quartos para quatro pessoas com camas individuais, prateleiras, sala de televisão, um lugar reservado para refeições e banheiros; e os alojamentos antigos são, galpões que comportam cerca de vinte camas de solteiro, sem divisória nem prateleira com apenas uma televisão e banheiros localizados fora dos alojamentos.

Os estabelecimentos têm uma considerável distância entre eles tornando a comunicação lenta, somente a portaria e a administração possuem telefones; os recados são dados pessoalmente ou por intermédio de avisos anexados as paredes dos locais de trabalho de cada funcionário.

No total a instituição conta com cerca de 25 funcionários, agregando os colaboradores, internos que exercem algum tipo de função e voluntários vindos da própria comunidade.

Algumas funções como as da enfermagem, cozinha, portaria e lavanderia, trabalham em turnos de 72 horas por 24 horas, sendo o pessoal de administração o único que tem uma carga horária de 40 horas semanais.

A quantidade de 240 internos comporta homens e mulheres com mais de 40 anos de idade ex-moradores de rua. Esses moradores de rua apresentam casos de alcoolismo, deficiências múltiplas, quadros psicóticos, demências, implicando em uma população bastante comprometida.

A primeira apresentação do Projeto foi feita em uma visita da professora Cecília Conde, coordenadora do projeto Buscando Caminhos através da Arte, à unidade de Campo grande. Nessa data, o projeto foi apresentado à coordenadora da unidade, que se inteirou dos objetivos e das principais propostas do mesmo. Ficou estabelecido que eu e o musicoterapeuta começaríamos a trabalhar na semana seguinte.

## **CAPÍTULO II – A MUSICOTERAPIA**

### **2.1 - A CHEGADA DOS MUSICOTERAPEUTAS**

No nosso primeiro dia de trabalho, em março de 2002, fomos recebidos pela coordenadora que pediu a assistente social que nos apresentasse as dependências e aos funcionários da instituição. Vimos os possíveis locais que poderiam nos servir de sala de atendimento. Observamos a clientela, fomos apresentados aos funcionários que estavam presentes, andamos pela instituição.

Na volta dessa visita, tivemos uma grande surpresa, ao nos inteirmos que, a proposta da coordenadora de Campo Grande era exatamente contrária ao que estava previsto no projeto para ser nossa função. A coordenadora propunha que, ao invés de trabalharmos com funcionários, deveríamos trabalhar com usuários. A mesma alegava que possuía uma formação em psicologia e ela mesma poderia resolver os problemas dos funcionários. Avaliamos que este seria o nosso primeiro desafio.

### **2.2 - PRIMEIRA NEGOCIAÇÃO INSTITUCIONAL**

Preferimos não contestar essa decisão. Começamos a pensar como poderíamos atender ao que ela estava nos pedindo, sem deixar de exercer nossa função dentro do projeto. Optamos por atender um grupo de usuários residentes no alojamento Verde-água. Tratam-se de pessoas idosas com deficiências múltiplas, apresentado demências e quadros psiquiátricos. Sugerimos, no entanto, que um grupo de funcionários, composto por aqueles que pudessem sair de suas funções sem prejudicar o bom atendimento da instituição, se realizasse após o atendimento do grupo de usuários.

Esta estratégia de trabalho foi organizada no nosso primeiro dia na instituição, demorando uma manhã inteira para ser idealizada. A segunda semana se constituiu em ponto facultativo do feriado de Semana Santa. Somente na terceira semana de trabalho pensamos que poderíamos colocar em prática a estratégia estabelecida.

### **2.3 - A MUSICOTERAPIA REFAZ A SUA ESTRATÉGIA**

Ao retomarmos o trabalho, realizamos a primeira sessão com usuário. A sessão durou cerca de uma hora, com a presença de 15 usuários, todos homens. Timidamente, começaram a experimentar instrumentos e tentar a cantar fragmentos de algumas canções regionais *Asa Branca*, *Mulher Rendeira*, *Carinhoso*. Fragmentos melódicos e muita conversa constituíram o conteúdo desse primeiro encontro.

Seus sentimentos pouco a pouco eram verbalizados. Se sentiam desamparados, reclamavam de fome, dores no corpo, mostravam-se preocupados. Demonstravam medo em serem remanejados para outras instituições Leão XIII.

O primeiro dia de contato direto com usuários nos ofereceu um outra escuta do movimento institucional. Começávamos a entender e ouvir os muitos lados que compõem uma instituição. Percebemos que, apesar dos alojamentos, ainda mantinham hábitos de moradores de rua dormindo pelos cantos dos prédios. Carregavam seus pertences em sacolas, andavam em condições precárias de higiene

pessoal, não conversavam uns com os outros e mostravam-se arredios àqueles que quisessem se aproximar deles.

O grupo combinado para acontecer com os funcionários, no entanto, não aconteceu. A coordenadora não liberou os funcionários que estavam “muito ocupados, trabalhando no remanejamento de usuários para novas instalações da Fundação em Sepetiba”

Na quarta semana de trabalho atendemos a um grupo de quinze usuários homens. Cantaram e tocaram sem parar grande parte da sessão. Algumas canções se repetem: Carinhoso, Asa branca, Mulher Rendeira. Cantaram também marchinhas de carnaval e algumas cirandas. Depois de cerca de quarenta minutos desse cantocantarse, ficaram demorados minutos em silêncio. O musicoterapia pede para que trouxessem alguma música que gostassem muito. Um dos usuários canta *Casinha Branca* de Hildon:

*Eu Tenho andado tão sozinho ultimamente  
E nem vejo à minha frente  
Nada que me dê prazer  
Sinto cada vez mais longe a felicidade  
Vendo em mim a mocidade  
Tanto sonho perecer  
Eu queria ter na vida simplesmente  
Um lugar de mato verde  
pra plantar e pra colher  
Ter uma casinha branca de varanda  
um quintal e uma janela  
só pra ver o sol nascer.*

Sabendo que o momento da instituição traduz o possibilidade de usuários serem remanejados para as casas recém inauguradas em Sepetiba, entendemos que a canção *Casinha Branca* traduz o desejo dos usuários em possuir um outro destino, possibilitado pelo momento institucional. A canção é um canto desejante, expressa no ato de cantar uma projeção com relação ao futuro, e o que pode ser feito para a transformação do mesmo. (Millecco, Brandão e Millecco, 2000)

Realizamos a sessão somente com os usuários. A coordenadora afirmava que os funcionários não dispunham de tempo. Neste dia, conversando com os funcionários sobre o Projeto, descobrimos que as pessoas não sabiam que o nosso trabalho se destinava a eles. Por outro lado, observamos que o momento da

instituição requeria muito dos funcionários, devido ao já citado remanejamento de usuários.

## **2.4 - PARECE QUE CONSEGUIMOS UM ESPAÇO...**

Já iniciávamos o segundo mês de trabalho. Realizávamos a sessão com os usuários, e, persistíamos na possibilidade de, efetivamente trabalharmos com os funcionários. Voltamos a conversar com a coordenação. Nesta conversa, nos foi oferecido pela coordenadora um local para realizarmos os atendimentos de musicoterapia. Chama-se Casa de Cultura e lá se realizavam oficinas de artesanato com os usuários. Ela mesma preparou uma lista com os nomes dos funcionários que deveriam freqüentar as sessões. A partir dessa data, começamos efetivamente o trabalho. A primeira sessão de musicoterapia com os funcionários contou com a presença de seis pessoas, sendo uma delas uma estagiária de enfermagem.

A presença dos funcionários na sessão foi definida por uma imposição institucional. Passamos de uma impossibilidade de trabalhar com os funcionários, para uma obrigação dos funcionários de participarem da nossa reunião, a medida em que seus nomes estavam na lista confeccionada pela coordenação.

Nos apresentamos, informamo-lhes o que era o trabalho de musicoterapia e mostramos os instrumentos. Solicitamos que escolhessem um instrumento para tocar. Hesitaram, mas acabaram escolhendo instrumentos. Verbalizaram muitas coisas sobre a instituição, com os instrumentos nas mãos. Falavam do receio desses projetos que começavam e não tinham fim, causando-lhes enorme frustração. Descobrimos que na instituição já havia funcionado um clube de funcionários, mas que a idéia não havia seguido adiante. Disseram que aquele trabalho deveria ter sido destinado aos usuários e que eles não precisavam daquele espaço.

Mesmo assim, a sessão se desenrola. Cantam Asa Branca, de Luís Gonzaga, Carinhoso, de Pixinguinha, Asa Branca, de Luis Gonzaga. Tentam cantar, mas percebem que só lembram fragmentos das canções. Surge, a partir da constatação dessa dificuldade, a idéia de se fazer o que o grupo chama de Arquivo Musical. Trata-se do conjunto das letras das canções. Um dos funcionários se responsabiliza em organizá-lo para a próxima semana. Cantam ainda cantigas de

roda, marchinhas de carnaval, sambas. Pedimos que pensassem em uma música para terminar a sessão. Fazem silêncio. Surge a canção *Tempo Perdido*, de Renato Russo:

*Todos os dias quando acordo  
 Não tenho mais o tempo que passou  
 Mas tenho muito tempo  
 Temos todo tempo do mundo  
 Todos os dias antes de dormir  
 Lembro e esqueço como foi o dia  
 Sempre em frente  
 Não temos tempo a perder  
 Nosso suor sagrado  
 É bem mais belo que este sangue amargo  
 E tão sério e selvagem  
 Veja o sol desta manhã tão cinza  
 A tempestade que chega é da cor  
 Dos teus olhos, castanhos  
 Então me abraça forte  
 Me diz mais uma vez que já estamos  
 Distantes de tudo, temos nosso próprio tempo  
 Não tenho medo do escuro Mas deixe as luzes acesas agora,  
 O que foi escondido é o que se escondeu  
 E o que foi prometido ninguém prometeu  
 Nem foi tempo perdido, somos tão jovens.  
 Tão jovens, tão jovens.*

A funcionária que escolheu essa música, justifica a escolha pela vontade de continuar estudando, embora ela saiba que falta muito para chegar a ser juíza, pois ainda está cursando o segundo grau. O musicoterapeuta pede aos outros que pensem, para a próxima sessão, em canções relacionadas a alguma história de suas vidas. Terminamos o encontro, solicitando uma canção de fechamento. Um funcionário pede Casa de Paz de Martinho da Vila, sinalizando que aquele lugar poderia ser uma casa de paz.

Nesse dia, depois de estabelecer com a coordenadora o local de atendimento dos funcionários, passamos fazer dois grupos de musicoterapia. O de usuários, de 9:00 às 10:00 horas, e o dos funcionários, de 10:30 as 11:30 horas.

Na sexta semana do projeto, o grupo de funcionários contou com quatro presenças: três funcionárias participavam da musicoterapia pela segunda vez, e, pela primeira vez, uma funcionária responsável pela oficina de artesanato. O grupo trouxe pronto o Arquivo Musical com algumas cópias das músicas cantadas na sessão

anterior. Estabeleceu-se que o Arquivo ficaria guardado na secretaria. O Arquivo e a canção que lhes proporcionavam a lembrança de uma história pessoal, propostas surgidas na sessão anterior, introduziram o tema da sessão. Durante o silêncio formado no primeiro momento, uma das funcionárias conta que está passando por um problema muito sério. Perguntamos se deseja falar, cantar, ou tocar sobre o assunto, ela diz, com a cabeça, que não. Indagamos ao grupo se alguém deseja cantar alguma canção para ela, o grupo canta *Lanterna dos afogados*, dos Paralamas do Sucesso.

*Quando está escuro  
E ninguém te ouve  
Quando chega a noite e você pode chorar  
Há uma luz túnel dos desesperados  
Há um cais no porto pra quem precisa chegar  
Eu tô na lanterna dos afogados  
Eu tô te esperando vê se não vai demorar!  
Uma noite longa pra uma vida curta  
Mas já não me importa, basta poder te ajudar  
E são tantas marcas que já fazem parte  
Do que eu sou agora mas ainda sei me virar  
Eu tô na lanterna dos afogados  
Eu tô te esperando vê se não vai demorar.*

A funcionária agradece a canção e com uma fisionomia abatida, pede as outras funcionárias que ajudem a cantar um Pai Nosso. Todas cantam. Esta sessão a de número seis, tem um clima intimista. Há o acolhimento por parte do grupo da necessidade da funcionária em compartilhar seus problemas.

Nesse dia conseguimos atender aos dois grupos: de funcionários e de usuários.

## **2.5 - NOVAMENTE SEM ESPAÇO**

Na sétima semana, quando fomos atender os funcionários recebemos a notícia por parte da coordenadora da oficina de artesanato, que o local não poderia ser mais utilizado, porque aquele espaço estava sendo utilizado por sua oficina naquele horário. Nesta semana não aconteceu o grupo de funcionários. Como não

pretendíamos criar nenhuma situação desconfortável, fomos novamente à coordenação pedir um outro local. Precisávamos de um espaço para as reuniões, sem invadir o de ninguém.

Outro local, então, foi designado para tendermos: o balcão de reuniões. Chamo de balcão, porque, literalmente, era um balcão: um amplo espaço coberto, de telhas de amianto, com pouca ventilação, bancos fixos, onde se faziam reuniões de grupos voluntários. Era um espaço pouco indicado para uma sessão de musicoterapia: os bancos não possuíam mobilidade, o local era mal iluminado, dificultava a utilização dos instrumentos, além de empoeirado e de possuir um grande mal cheiro.

Na oitava e nona sessões não conseguimos atender funcionários, pela incompatibilidade do balcão de reuniões com nossa atividade. Articulamos, então, uma outra possibilidade. Conversando com alguns funcionários, soubemos que gostariam que o horário do grupo, atualmente às 10 horas, fosse mudado para 9 h. Procuramos a coordenação com uma nova proposta: queríamos atender somente aos trabalhadores da instituição, indo aos seus locais de trabalho.

A coordenadora não se opôs a mudança de horário, e também não se mostrou contrária ao fato de atendermos aos funcionários em seus locais de trabalho.

## **2.6 - NOVA ESTRATÉGIA**

Na décima semana em contato com a instituição, fizemos nossa última sessão com usuários, pois decidimos utilizar todo o tempo de trabalho com funcionários, indo até eles em seus locais de serviço: lavanderia, cozinha, portaria. Não fizemos o grupo de funcionários às 9 horas, porque precisávamos nos despedir dos usuários.

Os usuários cantaram essa mudança com tons de tristeza, músicas de despedida marcaram nosso último encontro acontecido na décima primeira sessão, ou seja a terceira semana de maio. Posso dizer que este foi um processo relâmpago. Destacamos que continuaríamos na instituição, mas que não poderíamos continuar o sistema de atendimento. Lembramo-lhes que o atendimento com a musicoterapeuta

encarregada da atividade de educação musical, continuaria sem interrupções. Um usuário nos oferece a canção de Roberto Carlos:

*Ah, eu vim aqui amor, só pra me despedir  
E as últimas palavras desse nosso amor  
Você vai ter que ouvir, me perdi de tanto amor  
Ah, eu quase enlouqueci, ninguém podia amar assim  
E eu amei, e devo confessar Aí foi que errei  
Vou te olhar mais uma vez  
Na hora de dizer adeus , vou chorar mais uma vez  
A saudade vai chegar  
E, por, favor, meu bem, me deixe pelo menos  
Só te ver passar, eu nada vou dizer,  
Perdoa se eu chorar.*

## **2.7 - DOZE SEMANAS, OUTRAS MOVIMENTAÇÕES**

Na décima primeira semana voltamos a atender funcionários. O grupo estava mais reduzido. Segundo nossa nova estratégia fizemos o grupo no primeiro horário - das 9 às 10 horas . A frequência foi de dois funcionários da secretaria e a estagiária de enfermagem. Depois de cantarem *Carinhoso, Como é grande o meu amor por você, Wave*, canções que, pouco a pouco, iam sendo acrescentadas ao Arquivo Musical. Começaram a surgir idéias em prol da instituição: o oferecimento de cursos sobre drogas e a apresentação de peças informativas - essas idéias faziam parte de projetos que os funcionários haviam idealizado, não encontravam espaço para colocá-los em prática e a possibilidade de participação efetiva da comunidade na instituição. Segundo o critério estabelecido pelo próprio grupo, aqueles que soubessem tocar ou cantar alguns instrumentos poderiam ser voluntários da instituição e participar do grupo de musicoterapia. Como frequentadores do grupo, deveriam oferecer algum trabalho para a instituição.

O segundo horário foi destinado a atender os funcionários em seus locais de trabalho. Começamos este novo tipo de atendimento na lavanderia.

### CAPÍTULO III - GRANDES MUDANÇAS INSTITUCIONAIS

Na décima segunda semana, quando chegamos a instituição recebemos a notícia de que a coordenadora havia sido exonerada pela mudança de governo estadual. Fomos orientados por uma secretária a não fazer o atendimento, devido ao clima de instabilidade existente na instituição. Dissemos a ela que primeiro consultaríamos os funcionários para depois tomar alguma decisão. Assim procedemos. Perguntamos aos participantes do grupo, se gostariam que houvesse sessão. O atendimento foi efetuado neste dia, pela primeira vez, os funcionários comentaram na sessão as questões de hierarquia existentes na instituição, tornaram-se conscientes de suas funções institucionais. Atribuíram ao espaço de musicoterapia a possibilidade de expressão e o respeito mútuo independentemente das posições hierárquicas que exercem na instituição.

*“Vocês têm uma posição diferente da nossa. Sabem música. Como professores nos ajudam com seus conhecimentos. Nós temos posições diferentes aqui no trabalho, e isso não significa que somos melhores nem piores que ninguém. Somos diferentes e também importantes.”*

Uma percepção significativa já que agora teriam de lidar novamente com a realidade de uma nova administração.

Medo, timidez e raiva foram cantados, tocados e verbalizados. Uma funcionária escolhe *Como os nossos pais* para cantar. Todos tentam lembrar a letra, mas não conseguem. Intervimos nesse momento pedindo que trouxessem canções que lhes preparassem para aquelas dificuldades, e que expressassem isso em seus instrumentos. Cantam, então, *Plantas debaixo do aquário*, de Renato Russo. Mais uma canção que passa a fazer parte do arquivo musical. Tocam a canção de forma tímida e depois, cada vez mais forte, como se preparando para uma guerra. O título dado pelo grupo de funcionários não é o título original da música, *Plantas debaixo do aquário*, mas sim o refrão *Não deixe a guerra começar*.

*Plantas debaixo do aquário*

*Sente um desafio e provoque um desempate:*

*Desarme a armadilha e desmonte o disfarce.*

*Se afaste do abismo e faça do bom senso a nova ordem,*

*Não deixe a guerra começar  
 Pense isso um pouco, não há nada de novo  
 Você vive insatisfeito e não confia em ninguém  
 E não acredita em nada  
 E agora é só cansaço e falta de vontade,  
 Mas faça do bom senso a nova ordem  
 Não deixe a guerra começar.*

Na décima terceira semana de maio começa a freqüentar o grupo um funcionário aposentado da instituição. Ele acompanha as músicas mais comuns da sua época Carinhoso, Boemia, Felicidade, e toca muitos chorinhos no violão. Fala o tempo inteiro que o grupo de funcionários precisa se reunir para ensaiar .

Na décima quarta semana de maio, uma semana após a exoneração da coordenadora, esse funcionário aposentado, novo membro do grupo de funcionários, pede a canção *O Bêbado e o Equilibrista*. Interessante que ele, na sessão anterior, se mostrou muito rígido em tocar ou cantar canções que não pertencessem ao seu repertório. A letra desta música descreve um momento muito delicado do período da ditadura no País . Agora em seu Arquivo Musical e, conseqüentemente, no Arquivo Musical da instituição, admitia uma música de protesto.

*O Bêbado e o Equilibrista*

*Caía a tarde como um viaduto  
 E um bêbado trajando luto  
 Me lembrou Carlitos  
 A lua tal como a dona de um bordel  
 Pedia a cada estrela fria  
 Um brilho de aluguel  
 E nuvens lá no mata-borrão do céu  
 Chupavam manchas torturadas, que sufoco  
 Louco o bêbado com chapéu coco  
 Fazia irreverências mil pras noites do Brasil.  
 Meu Brasil, que sonha com a volta do irmão do Henfil  
 Com tanta gente que partiu num rabo de foguete  
 Chora a nossa Pátria mãe gentil choram Marias e Clarices  
 No solo do brasil  
 Mas sei que uma dor assim pungente  
 não há de ser inutilmente a esperança dança  
 Na corda bamba de sombrinha em cada passo dessa linha  
 Pode se machucar azar , a esperança equilibrista*

*Sabe que o show de todo artista tem que continuar.*

O grupo cantou a música. Pedimos que ele dissesse o que aquela música significava para sua vida, e ele não soube explicar. Momentos depois ele verbaliza, no final da sessão, que sentia muito medo de que aquele espaço terminasse. Compreendemos que o momento de instabilidade institucional provoca um desejo no grupo: como participantes ativos deveriam lutar para aquilo que é bom para instituição mantendo o grupo de musicoterapia, por exemplo.

Na décima quinta semana, a primeira semana de junho não ocorreu nenhuma alteração no planejamento que tínhamos feito até aqui. O primeiro grupo, o de funcionários, cantou *Risque, Chão de Estrelas; Eu não existo sem você; Minha viola vai profundo do baú; Felicidade; Meu Pequeno Cachoeiro; Fogo e paixão; Que vá tudo pro inferno; Gente humilde; Eu sei que vou te amar; As Rosas não falam; Boemia; Luar do Sertão; Corro de mais; Segura nas mais de Deus* e terminam com *Glorioso és tu*. A temática da instabilidade do lugar institucional de cada funcionário e a apreensão com a continuidade do projeto permanece nas conversas e na comunicação musical.

No outro horário disponível começamos a visitar os funcionários da lavanderia. São somente duas funcionárias, que trabalhavam sem parar, e que mantinham uma relação de trabalho muito próxima por partilharem da mesma religião. Nessa nossa primeira visita levamos o violão e o tamborim. Ficaram um tanto apreensivas, pois diziam que não podiam cantar músicas do mundo. Informamos que poderiam cantar o que desejassem. Escolheram cantar hinos, *Seja bendito o Cordeiro, Oh! Quão Cego eu andei!* e outras canções religiosas, o único repertório que admitiam.

Nesse dia, conhecemos a nova coordenadora. Contrapondo-se à administração anterior, era uma pessoa que já conhecia o trabalho de musicoterapia através do setor existente no Hospital Nise da Silveira, e se mostrava disposta a ajudar no projeto. O restante do mês foi de movimentações bruscamente diferentes na instituição. Cada dia um funcionário era exonerado e a instituição recebia um outro funcionário com outra função.

O primeiro grupo passou a funcionar com a estagiária de enfermagem e o funcionário aposentado, pois a maioria dos funcionários que participavam das sessões estavam sendo remanejados para outros setores, com mudanças de escala de

horário no trabalho. As canções que permeavam as sessões nesse momento são quase sempre as mesmas: *Carinhoso, Boemia, Se ela perguntar, Wave, Tempo Perdido, Luciana, Eu não existo sem você*; com alguma variação dos chorinhos trazidos pelo funcionário aposentado. Diziam que gostavam de trocar informações musicais que gostariam de aprender um o estilo do outro.

No segundo horário continuamos a visitar os funcionários em seu local de trabalho. As funcionárias da lavanderia não mantinham contato com os da secretaria, ou o faziam de uma forma muito superficial. Eram muito religiosas e se sentiam discriminadas na instituição tanto pela opção religiosa, quanto pela função que desempenhavam, que julgavam mais exigida que a dos outros funcionários.

Durante o mês de junho, uma dessas funcionárias da lavanderia pediu um hino evangélico, do qual não sabíamos a letra. Quando ela lembrou de um dos versos, lhe dissemos que aquela letra se encontrava disponível no Arquivo Musical do grupo do outro horário. Tamanha foi a sua surpresa, principalmente quando a informamos que poderia fazer uso desse material. Prontamente foi à secretaria e pediu o Arquivo. Uma nova forma de comunicação estava sendo estabelecida.

Procuramos atender outros setores depois do grupo das funcionárias. A cozinha foi o primeiro deles. Chegamos ao local com instrumentos, violão e tamborim. Nos apresentamos e falamos do trabalho de musicoterapia. Propomos que cantassem. Os funcionários diziam que não podiam cantar, não tinham tempo, não podiam parar o trabalho. O barulho era intenso, fogões grandes aumentavam muito a temperatura ambiente, e a quantidade de trabalho era muito maior que a quantidade de funcionários. Não deixando seus afazeres os funcionários começaram a relatar suas dificuldades. Mostravam-se cansados, reclamavam de dores na coluna, falta de dinheiro, doenças adquiridas pelo excesso de trabalho e diziam que o setor da cozinha tinha uma carga horária muito superior as dos outros setores portanto eram os que mais trabalhavam na instituição. Colocamos os instrumentos de lado e os ouvimos.

### **3.1 - MAIS MUDANÇAS, OUTRAS COMPLEXIDADES**

Durante o mês de julho, a instituição continuava recebendo novos funcionários. Para começar o mês, tivemos a notícia que havia uma pedagoga trabalhando na instituição. Era uma antiga funcionária, que com a mudança de coordenação voltava ao trabalho. Na primeira conversa com ela, percebemos que novamente deveríamos mudar os rumos do atendimento. Ela sugeriu que também trabalhássemos com um outro grupo dentro da instituição, o de colaboradores. Os colaboradores são aqueles usuários que exercem trabalhos dentro da própria instituição. De alguma maneira, eles trabalham na instituição. São trabalhadores que não são funcionários. Essa pedagoga pretendia realizar uma atuação junto a essa equipe, e solicitava nossa contribuição com uma intervenção terapêutica com eles. Concordamos em realizar mais esse atendimento. Para adequar a necessidade de desse novo grupo com os outros grupos, precisamos mudar nosso horário, e passamos a atender à tarde.

Fizemos nossa última sessão no horário da manhã, na primeira semana de julho. Acertamos com os funcionários que passaríamos a atender no horário da tarde. Estabelecemos que o primeiro grupo seria o de funcionários, e o segundo de o colaboradores. A possibilidade de mudança de horário não trouxe nenhuma inquietação aos participantes do grupo, que continuavam trazendo canções do Arquivo Musical. *Carinhoso* era a única canção que se repetia em todas as sessões e não possuía cópia no Arquivo. Nesta última sessão, o grupo recebeu um senhor da comunidade, cantor de seresta, e que passou a fazer parte da instituição como voluntário. Sua função seria fazer uma tarde de serenatas para os usuários que não podem se locomover. As funcionárias da lavanderia também passaram a se revezar para participar do grupo de funcionários que, até então, era mais freqüentados pelos funcionários da secretaria. Ocorreu uma mudança no comportamento musical dessas funcionárias: ouviam sem restrições sambas, chorinhos, baladas, partilhavam do canto de algumas canções populares contidas no Arquivo Musical.

### **3.2 - UM ESPAÇO CONQUISTADO**

Nesse mês ganhamos uma sala. O local serviria para as diversas atividades de grupo propostas pela instituição. Ganhamos um armário para guardar os instrumentos que antes ficavam em uma rouparia.

As sessões das semanas seguintes de julho se desenvolvem com a presença da estagiária de enfermagem e do funcionário aposentado, os funcionários da cozinha não podiam sair do local de trabalho e as funcionárias da lavanderia estavam se revezando para dar conta do excesso de trabalho.

Os encontros revelavam o desejo de troca de experiências, o funcionário aposentado tocava seus chorinhos, *Carinhoso, Nervos de aço, Boemia, Gente Humilde*, a estagiária de enfermagem dizia que estava conhecendo as canções de *Tom Jobim e Vinícius de Moraes, Wave, Eu não existo sem você*. Cada componente do grupo ouvia, atentamente, o que o outro trazia.

Durante o mês de agosto, o grupo de funcionários contou com a presença de mais estagiários de enfermagem e com a frequência flutuante de funcionários da limpeza e da administração. Um dos componentes canta Djavan :

*Esquinas*

*Só eu sei as esquinas porque passei  
Só eu sei , só eu sei.  
Sabe lá o que é não ter e ter que ter pra dar.  
Sabe lá, sabe lá.  
E quem será nos arredores do amor  
Que vai saber reparar que o dia nasceu?  
Só eu sei, os desertos que atravesssei.  
Só eu sei, só eu sei.  
Sabe lá o que é morrer de sede em frente ao mar.  
Sabe lá, sabe lá.  
E quem será na correnteza do amor que vai saber guiar.  
A nave em breve ao vento vaga de leve e traz  
Toda a paz que um dia o desejo levou.*

Quando a funcionária canta essa canção, o faz com uma voz grave, sem levantar os olhos. Pedimos que dissesse o que achava da canção, e ela nos falou que aquela música era para todos aqueles que estavam na instituição e que independentemente da função que exerciam precisavam oferecer algo a alguém.

O grupo se mantém em silêncio depois da música e de sua fala. Logo em seguida ela começa outra canção ainda com voz grave. Sinaliza que, aquela canção,

era para todas as pessoas que faziam parte da instituição e que todos exerciam uma função muito importante nela.

*Se todos fossem iguais a você*

*Tom Jobim e Vinícius de Moraes*

*Vai tua vida teu caminho é de paz e amor*

*A tua vida*

*É uma linda canção de amor*

*Abre teus olhos e canta*

*A última esperança*

*A esperança divina de amar em paz*

Neste momento ela muda o tom, afirmando que o tom anterior sol menor está muito baixo para o que quer cantar. E começa em outro tom, dizendo aos colegas do grupo:

*Se todos fossem iguais a você, (vocês ela diz)*

*Que maravilha viver*

*Uma canção pelo ar*

*Uma mulher a cantar*

*Uma cidade a cantar*

*A sorrir a cantar a pedir*

*A beleza de amar*

*Como o sol, como o mar, como a flor, como a luz*

*Amar sem mentir nem sofrer*

*Existiria a verdade, verdade que ninguém vê*

*Se todos fossem no mundo iguais a você. (vocês)*

A sessão termina com esta canção. Pedimos aos componentes do grupo que pensassem nas letras das músicas e que procurassem refletir sobre que contribuições seus trabalhos estavam dando ao funcionamento institucional.

Em uma sessão de agosto contamos com a presença de funcionários da limpeza. Cantam *Teco teco teleco teco, Verdade, O farol das estrelas, Canta, canta minha gente*. Essa reunião virou um grande grupo de pagode. Essa foi a primeira vez que freqüentaram a sessão e também a última, pois a chefe do serviço de limpeza não admitia que parassem as atividades para participarem do grupo.

O voluntário continua a participar do grupo de funcionários. Depois da sessão, ele vai aos alojamentos oferecendo serenata aos usuários. Algumas pessoas do grupo de funcionários se organizam para acompanhá-lo com algum instrumento,

enquanto canta para os usuários. Algumas canções são aquelas que aparecem nas sessões, outras são pedidas pelos próprios usuários sendo *Besa-me mucho* uma delas.

Os colaboradores freqüentam o grupo que foi formado só para eles, mas durante o mês outros internos acabam participando também das sessões.

O funcionário aposentado e o voluntário passam a fazer parte de todos os atendimentos. Vão ao grupo de funcionários, fazem serenata e ajudam no grupo de colaboradores.

O mês de setembro estabelece o trabalho de musicoterapia com colaboradores. A coordenadora da instituição freqüenta algumas sessões de funcionários. Canta algumas canções como *Carinhoso* – de Pixinguinha e *Como vai você* de Roberto Carlos, dizendo que dessa forma pode incentivar outros funcionários da instituição

a participar do grupo. Isso de fato aconteceu. Como ela, outros funcionários de outros setores participaram das sessões, alguns fizeram apenas uma visita e outros ficaram mais tempo em contato com o grupo de colaboradores que neste momento do trabalho terapêutico agregava alguns usuários.

Um maior número de funcionários passa a freqüentar as sessões. Eles organizam seus horários para estarem presentes no grupo. Dependendo da função, o tempo de permanência na sessão é de quinze a vinte minutos. Mesmo sendo muito curto este espaço de tempo, eles não abrem mão da participação.

Cantam juntos, as canções do Arquivo Musical e trazem outras como, *Copacabana*, *Azulzinho*, *Canção da América*, *Isto aqui oô*, *Ela só pensa em namorar*, *Odeon*, *As rosas não falam*, Dançam juntos e voltam aos setores de serviço.

Com o passar das semanas os horários das sessões se misturam permitindo que funcionários e colaboradores compartilhem da mesma experiência no fazer musical. Logo as canções do Arquivo Musical dos funcionários aparece nas sessões dos usuários e estes vão assimilando outras canções.

A troca de experiências fortalece e enriquece os participantes das sessões, o funcionário aposentado que só tocava chorinho começa a tocar outros estilos e linguagens musicais, aprendendo acordes de bossa-nova e pagode. Isso possibilitou uma organização maior do grupo de colaboradores, que faziam questão de abrir as sessões com canções que estavam mais organizadas esteticamente. Uma música que

fazia parte do repertório e sempre abria as sessões era *Deixa a Vida me Levar* de Zeca Pagodinho, trazida por um colaborador que, com a participação efetiva nos grupos de musicoterapia, voltou a tocar violão e retomou suas antigas composições.

A coordenadora e a pedagoga comunicaram-nos que gostariam da participação do grupo em uma apresentação na festa da primavera, que iria ser realizada na instituição. Conversamos com os colaboradores e estes se dispuseram, no mesmo momento, a escolher o repertório. As músicas foram sugeridas tanto por colaboradores como por funcionários, tendo a participação especial do voluntário. O repertório abrangia mais de dez canções: *Amigo Leal, O bêbado e o equilibrista, Esqueci de viver, Boemia, Nega, Carinhoso, Meu Pequeno Cachoeiro, Meu primeiro amor, deixa a vida me Levar, Como é grande o meu amor por você.*

Ficou estabelecido que as duas semanas finais de setembro ficariam divididas em dois momentos organizados dentro da própria sessão: o primeiro deveria se fazer um ensaio das músicas e o outro o tocar e cantar outras canções, fora do repertório.

### **3.3 - ENCONTRANDO CAMINHOS ATRAVÉS DA MÚSICA**

Na primeira semana de outubro os grupo se mobilizam para fazer um ensaio geral. Os usuários e funcionários estão com o repertório pronto para a festa. Nesse mesmo dia, o colaborador que sempre abre o ensaio com *Deixa a vida me levar*, mostra sua composição, *Nega Malandra*. Nós o incentivamos a apresentar a canção na festa, e o grupo aceita a sugestão.

A segunda semana em que se realizaria a festa acontece uma fatalidade na instituição. Em uma briga, o colaborador que participava do grupo de musicoterapia, e que iria cantar e apresentar sua composição *Nega Malandra*, é assassinado na própria Fundação.

Neste dia fizemos uma sessão que durou cerca de duas horas e meia. Todos se mostravam tristes, tanto usuários como funcionários, e os grupos não se dividiram. Deixamos que expusessem seus sentimentos, não quiseram falar sobre o assunto, pegaram logo os instrumentos e começaram a tocar e a cantar. As músicas que se

desenrolaram na sessão não faziam parte do repertório da festa. Começaram a cantar marchinhas de carnaval e cirandas, ininterruptamente. Quando o grupo se manteve em silêncio por um tempo, uma usuária canta: Canta, canta minha gente deixa a tristeza prá lá, canta forte canta alto que a vida vai melhorar. ( Martinho Da Vila ). O grupo fica em silêncio e, em seguida, volta a cantar até a exaustão marchinhas de carnaval e cirandas.

Na terceira semana de outubro, tentamos tocar no assunto da morte do usuário e trabalhar de uma outra forma a questão. As pessoas não tocavam o violão que ele tocava, o instrumento ficou em cima da mesa em toda a sessão, elas não trouxeram a música que ele sempre costumava cantar - *Deixa a vida me levar*. Não quiseram falar, nem cantar canções que expressassem o que estavam sentindo. Limitaram-se a ensaiar as músicas do repertório, já que a festa fora transferida para a semana seguinte.

Na quarta semana de outubro foi feita a festa. Os usuários e funcionários apresentaram algumas músicas do repertório. Algumas, inclusive, não puderam ser cantadas por não haver tempo para todas as canções.

Chegamos em novembro com os colaboradores, usuários, e funcionários formando um grupo só. O pessoal da limpeza, impedido por sua chefia de frequentar as sessões, estrategicamente organiza o trabalho para limpar a sala das reuniões do grupo, na hora das sessões de musicoterapia, e, na medida do possível, participam do grupo. Nos preocupamos em falar do término do projeto e a idéia é contestada por eles. Dizem que gostariam muito que o projeto continuasse e que prefeririam não falar muito no assunto já que teriam um mês ainda para resolverem essa questão .

O Projeto terminará em fins de novembro, o relato será interrompido para cumprimento dos prazos formais para elaboração desta monografia. O trabalho não terminou ainda, mas, certamente, já se pode observar que conquistamos os objetivos iniciais propostos pelo projeto.

#### **CAPÍTULO IV - MOVIMENTO INSTITUCIONAL E MUSICOTERAPIA**

## 4.1 - Buscando compreensões

Pensar essa instituição partindo-se do entendimento do vivido nas sessões de musicoterapia, tornou-se uma tarefa bastante estimulante – por vezes desesperadora. Incluído dentro de uma prática musicoterapêutica ecológica.

*“a terapia ultrapassa os limites de tratamento, independente do **setting**, ela também se estende para além da relação cliente terapeuta para incluir diversas camadas de relação entre cliente e a comunidade e entre as comunidades”* (Brusscia, 2000, p 239).

As implicações institucionais que se entrelaçam na atuação musicoterapêutica, ocorrem em muitos níveis: os da própria instituição, os da Fundação Leão XIII ; os do Estado; o do projeto Buscando Caminhos Através da Arte; os da musicoterapia – como saber. Como terapeutas, encontrávamos em todo dia de trabalho novos desafios.

Ter o foco do trabalho voltado para os funcionários, ou mesmo usuários de qualquer instituição é estar atento a toda essa engrenagem.máquina, sabendo que nosso trabalho se refletiria em toda essa trama, com todas as suas organizações.

A primeira dificuldade que enfrentamos na execução do trabalho, foi a disputa de poder.

A coordenadora da instituição formada em psicologia, demonstrou receio ao ter que lidar com um outro saber não conhecido chamado musicoterapia. Como os projetos são impostos pelo governo e ela não poderia deixar de aceitar o trabalho, a solução encontrada para o domínio do trabalho de musicoterapia seria não permitir que o mesmo fosse realizado com total eficácia.

*“ Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede do poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar: ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças. E como onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social.” Foucault, Microfísica do poder, pág. XIV.*

O poder está relacionado ao saber( Foucault, 1979). As hierarquias são advindas de um saber suposto, que se relaciona com outros saberes constituindo a trama interpessoal que movimenta uma sociedade, melhor especificando os microrganismos que a compõem.

Enriquez (1996) sugere que, o primeiro ponto, sempre necessário em uma atuação institucional, é “ precisar o poder”( p 14) . Nesse abrigo, logo no primeiro dia, ficou bem claro quem era o poder institucional. A coordenadora geral, poder oficialmente instituído, exercia sua autoridade impedindo a execução do projeto, tal como ele havia sido concebido, propondo a mudança na concretização do projeto : a musicoterapia não seria aplicada aos funcionários, isso caberia a ela – e a psicologia, trabalharíamos com os usuários. Além disso, outra relação de poder se estabelecia: a psicologia tratava dos funcionários, a musicoterapia dos usuários. O saber mais tradicional, para os funcionários, o saber novo para os menos favorecidos, os de menos poder institucional, os usuários.

*“Todo e qualquer sistema institucional é uma caixa de ressonância que amplifica as emoções humanas e as reverbera na trama interpessoal que lhe serve de sustentação. Monitorando tais reverberações podemos encontrar o fio condutor que nos leva à diagnose e à estratégia terapêutica para abordar a "doença" institucional.” ( Osório, p.157).*

Quando houve a mudança de coordenação, e fomos orientados por uma secretária a não fazer o atendimento, devido ao clima de instabilidade existente na instituição. Nesse momento delicado, o poder estava vago. Quem o ocuparia? A secretária torna-se porta-voz de um movimento institucional que fala do medo, da inércia, do fracasso. A instituição supõe que ela mesma não vai querer , não vai poder, vai desistir. Dissemos a secretária, porta-voz do desânimo, que primeiro consultaríamos os funcionários, para depois tomar alguma decisão. O atendimento foi efetuado. A instituição tem muitas vozes que soam juntas. Também possui coragem, fé, esperança. Ao contrário do previsto pela voz-medo da instituição, essa foi a primeira vez que os funcionários comentaram na sessão as questões de hierarquia existentes na instituição e a atribuíram um novo poder à musicoterapia: o da escuta terapêutica e a do espaço livre de experimentação pessoal. O que cantam denuncia a vontade de mudar e a permanência de antigos padrões; *“Minha dor é perceber, que apesar de termos feito tudo que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais”*. E, demonstrando as intenções e a consciência do

grupo de funcionários para a próxima etapa, *não deixe a guerra começar* transforma-se em uma proposta de ação institucional

Em nosso caso, atuamos nas dificuldades que emergiam em cada encontro, seguíamos a urgência institucional e os espaços das intervenções terapêuticas existiu até em conversas fora do momento da sessão.

*“Para a execução do trabalho em comunidades, mais do que um profissional treinado em sua visão clínica, o musicoterapeuta precisa ser um investigador. Precisaremos partir do ponto inquietante do não saber para a descoberta de ações; participaremos deste processo aberto de investigação das realidades, que se apresentam sempre novas.” (Chagas, 2002).*

Conhecer as preferências musicais do grupo, suas origens, seus casos clínicos, no caso de usuários, foram informações colhidas no decorrer do processo. O que me levou a pensar que em casos como esses, de instituições que funcionam dessa forma, um primeiro momento da etapa musicoterápica é a atuação da escuta terapêutica pesquisadora.

A escuta terapêutica nos fez compreender que a entrada menos ameaçadora àquela instituição seria através da negociação dos objetivos do projeto, através de uma mudança de foco. Aceitamos, então a proposta de atender aos usuários, sem desistir, contudo, do objetivo inicial de atender aos funcionários. Propusemos sessões livres, com o objetivo de promover vínculos entre os componentes dos grupos e favorecer o resgate de identidade através do trabalho com canções regionais. Fizemos isso porque não sabíamos se continuaríamos atendendo usuários e não queríamos causar-lhes frustrações sem poder dar conta de seus conteúdos mais profundos.

Logo na primeira aparece a problemática institucional e o seu potencial de transformação. Cantam *Asa Branca* de Luís Gonzaga. O cenário evocado pela música é de seca e desolação “*Eu perguntei a Deus do Céu, por que tamanha judiação?*” A melodia se desenvolve em torno de apenas cinco notas, mas possui o vigor do baião, com toda a conotação da vivência de resistência nordestina, por fim, desde o primeiro dia, o próprio grupo se organiza para a confecção do Arquivo Musical. É a constatação da dificuldade como impulsionadora das soluções. O nome, Arquivo Musical, dado por eles, desperta a importância de concretizarmos o que já são, o que já têm, o que podem mostrar.

Uma situação problema para enfrentarmos na instituição disse respeito a comunicação dentro da mesma, as informações não circulavam. Assim como o ambiente físico era de prédios grandes e isolados, os setores seguiam tais como os prédios; grandes e isolados. O outro ponto se localizava na própria organização do trabalho institucional: os funcionários possuem muito trabalho e, embora tenha sido oferecido uma atividade importante para o melhor funcionamento institucional, essa mesma instituição não abre espaços nas tarefas cumuladas dos funcionários para que freqüentem essas mesmas atividades.

Mais duas características institucionais que se evidenciam: projetos que não tem continuidade- e essa é uma das grandes inserções do Estado na vida institucional, que promove projetos sem o envolvimento o das instituições onde se realizarão os projetos, e as mudanças de governos que desestruturam a instituição. Essas informações confirmam o receio das pessoas em se envolverem umas com as outras, em executarem seus trabalhos de forma satisfatória, em participarem de atividades como a musicoterapia.

"Pressupostos falsos, crenças estabelecidas, regras operacionais sem questionamento e numerosas outras premissas e práticas podem combinar-se para formar pontos de vista muito estreitos do mundo que fornecem tanto uma base, como uma limitação para ações organizadas. Enquanto criam um modo de enxergar e sugerem uma forma de agir, tendem também a gerar maneiras de não ver e de eliminar a possibilidade de ações associadas a visões alternativas da realidade."(*Morgan, 1996, pag. 207*).

#### **4.2 - O LOCAL ONDE SE REALIZA A TAREFA COMO SÍMBOLO**

O Projeto começou em um não lugar. Depois , conseguimos um lugar – feio, mau cheiroso, difícilimo para se trabalhar, levávamos os instrumentos nas mãos por muitos metros, a acústica era péssima. O local que me referi era destinado aos grupos que ofereciam um trabalho voluntário a instituição, como o A.A. e os grupos religiosos. Não existe dúvida de que esse local era muito perecido com nossa situação dentro da instituição.

“A estrutura do espaço social se manifesta, assim, nos contextos mais diversos, sob a forma de oposições espaciais, o espaço habitado (apropriado) funcionado como um tipo de simbolização espontânea do espaço social. Não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não

seja hierarquizado, e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais”. (Bourdieu, appud Preuss, 1995,p 46)

Destaco aqui o que chamo de flexibilidade terapêutica. Em dois meses e meio passamos por intensas mudanças. Vimos nossos planos e objetivos sendo transformados incisivamente a cada movimentação institucional. Claro que esse processo todo nos causou cansaço e uma terrível sensação de que não estávamos intervindo terapêuticamente na instituição. Esses sentimentos ficaram claros quando pudemos perceber que tudo o que estava acontecendo, fazia parte do tempo/movimento da instituição.

Enfrentar com calma a resistência de uma coordenadora, atender dois grupos de uma só vez, mudar de lugar, conseguir um local de atendimento, nos permitiu entender que a instituição precisava de intervenções musicoterápicas e de terapeutas flexíveis, móveis, que pudessem transitar pela instituição, percebendo-a sem invadi-la.

### **4.3 - NECESSIDADES INSTITUCIONAIS E MOVIMENTOS MUSICAIS**

Muitos grupos dentro da instituição, demonstravam uma grande necessidade em serem ouvidos. Os usuários queriam ser ouvidos, os funcionários da cozinha queriam ser ouvidos, os funcionários da lavanderia queriam ser ouvidos.

Esses discursos que ouvimos se aproximavam muito no contexto de que, de alguma forma, todos eles se sentiam um pouco excluídos na instituição ou discriminados devido as suas funções ou condições. Ao mesmo tempo estes discursos nos soavam muito peculiares no que respeito a oportunidade de individuação que um processo terapêutico proporciona.

Uma instituição que lida com uma camada da sociedade que é marginalizada pela mesma, também marginaliza grupos que a compõem. Esta outra problemática do funcionamento institucional só pode ser avaliada quando nos movimentamos pela instituição.

De posse desta realidade comecei a pensar como musicoterapeuticamente esta situação institucional poderia ser trabalhada.

O processo de musicoterapia aconteceu próximo das possibilidades da instituição. O espaço sagrado ocorria no aqui e agora dos funcionários. Em meio a roupas e máquinas, em meio a batatas e macarrões. Não podiam parar seus afazeres para tocar e experimentar instrumentos, então cantávamos juntos, ou somente escutávamos.

Como técnica recorremos a re-criação por sua funcionalidade musical e potencializamos a voz como instrumento principal daquelas pessoas que não podiam deixar de trabalhar para experimentar outros instrumentos.

Gostaria de destacar aqui a re-criação musical como a principal técnica utilizada para o trabalho com neuróticos. No caso do grupo de funcionários o fazer musical se condensava ao canto das canções.

Isso me dá a possibilidade de pensar em canção, ou seja a música com letra, como uma abordagem segura ao processo de um neurótico. Penso dessa forma porque a canção se aproxima do que mais utilizamos naturalmente, a linguagem falada. E o tocar o instrumento está mais distante da realidade do adulto, que na maioria das vezes não experimenta mais, nem se permite a exploração de um instrumento.

*"As canções, por sua vez, podem ser usadas como um recurso terapêutico, apresentando um leque de funções que dependem dos objetivos a serem alcançados."(Millecco, Brandão e Millecco, 2000, p. 95)*

Percebi que enquanto trabalhávamos com usuários a canção Carinhoso de Pixinguinha, aparecia no meio das canções mais pedidas. E quando passamos a trabalhar somente com funcionários esta canção aparecia com uma certa regularidade nas sessões.

O ponto em comum da instituição se revelava no discurso cantado pelos integrantes dela, através da presença constante da canção Carinhoso. Onde quer que fosse cantada ou tocada, esta canção tinha o poder de mobilizar tanto funcionários quanto usuários.

Em análise musicoterápica a canção Carinhoso pertence ao que se chama de ISO cultural da instituição.

*"Grebe diz: O ISO cultural, produto da configuração cultural global da qual o indivíduo e seu grupo fazem parte, é a identidade sonora própria de uma comunidade de homogeneidade cultural relativa, que responde a uma cultura ou subcultura musical manifesta e compartilhada."*

*Benenson, Manual de Musicoterapia, pág.45.*

Em nossa sociedade a música carinhoso, um clássico da música popular brasileira também foi eternizada por comerciais de televisão. Além disso a maior da população pertencente à instituição, vivenciou a época dos chorinhos e dos sambas da década de quarenta. O que torna a canção também o ISO individual e grupal.

Em análise mais profunda, tendo como fundamento os dados institucionais, comecei a observar que além de ISO institucional a canção trazia em seu conteúdo algo a mais para o processo terapêutico da instituição. A letra da canção diz:

*Meu coração, não sei porque  
Bate feliz quando te vê  
E os meus olhos ficam sorrindo  
E pelas ruas vão te seguindo  
Mais mesmo assim, foges de mim  
Ah, se tu soubésseis como sou tão carinhoso  
E o muito, muito que te quero  
E como é sincero o meu amor  
Eu sei que tu não fugirias mais de mim  
Vem, vem , vem, vem sentir o calor  
Dos lábios meus, a procura dos teus  
Vem matar essa paixão que me devora  
Meu coração e só assim então,  
Serei feliz bem feliz!*

Em análise da letra, existe um desejo comum de aceitação, e ao mesmo tempo o paradoxo da paixão não correspondida.

Levando-se em consideração que os grupos institucionais se sentiam discriminados, marginalizados por suas funções e desejavam ser ouvidos, esta canção traduzia o desejo de todos em ter suas paixões correspondidas.

A medida que funcionários e usuários passam a compartilhar de um mesmo canto, e a canção é entoada por todos, estes parecem participar de um mesmo desejo. A canção passa a ter uma função importante ao processo da instituição.

Esta circula pelos grupos da instituição, permitindo-os o compartilhar de uma motivação comum, e aproxima as pessoas minimizando os papéis negativos cristalizados pelas hierarquizações, ou seja esta canção é aquela que socializa os grupos da instituição.

Sendo assim a Canção Socializante, é aquela que pertence ao ISO institucional, circula pelos grupos da instituição, externaliza o desejo dos mesmos, permite a eles a homogeneização das relações por uma experiência de troca no campo horizontal da relação, promovendo a flexibilidade da comunicação institucional.

#### **4.4 - MUDANÇAS INSTITUCIONAIS**

Destaco aqui importância de uma participação efetiva da comunidade na instituição. O senhor que me referi, passou a frequentar o grupo e a ser um voluntário da instituição pelo desejo dos funcionários que participavam do grupo de musicoterapia.

A instituição ganha a partir do processo musicoterápico a consciência de que precisa e pode contar com a presença de voluntários.

A instituição ganha a partir do processo musicoterápico a consciência de que precisa e pode contar com a presença de voluntários.

Talentos adormecidos de alguns usuários, surgem. Uns começam a lembrar-se que eram músicos, outros lembram das épocas dos festivais e existe uma troca de experiência entre eles. Em pouco tempo, usuários começam a se comunicar mais e outros, que só observavam, passam a sair de seus isolamentos.

A consciência de todo o processo institucional estava declarada em verso e música. As sessões dos meses de maio e agosto são as que mais evidenciam essa

consciência. Cada um pode refletir sobre a sua função dentro da instituição. Todos participam, juntos, dos trabalhos de música, se apresentam juntos nas festas, e se respeitam em seus trabalhos.

## CONCLUSÃO

A instituição como organização sempre oferece ao terapeuta, sinalizadores que revelam o suas características e suas necessidades principais.

As relações de poder e as hierarquias exercidas através das funções institucionais, acabam por minimizar as características individuais, prendendo pessoas a papéis cristalizados, que podem prejudicar funcionamento da instituição.

Como musicoterapeutas devemos sempre lembrar que o atendimento a uma clientela específica de uma instituição, é também uma grande oportunidade de lidar com uma pequena representação da mesma que reverbera e ressoa as mudanças institucionais sendo eles os indicadores de mudança do processo institucional.

A música em seu poder envolvente restaura as relações através do fazer musical proposto pela clínica musicoterápica, tornando menor a distância entre saberes- poderes exercidos na máquina institucional.

Desafios como: a flexibilidade do terapeuta e a escuta pesquisadora, são práticas possíveis. Onde a urgência institucional e o confronto com a realidade permitem a adaptação da clínica musicoterápica às necessidades institucionais.

A música que ressoa nas sessões de um processo musicoterápico ocorrido em uma instituição, reflete os movimentos que ela possui. Os cantos desejanter e a canção socializante são apenas algumas análises dos resultados obtidos neste processo de tratamento institucional.

Outras questões podem ser pensadas a partir de uma análise mais profunda. A reflexão de como a musicoterapia pode facilitar a restauração e a modificação de estruturas rigidamente cristalizadas, e os procedimentos encontrados para tal caminho, são desafios que deixo como ponto de partida para outras possíveis descobertas da prática musicoterápica em instituições.

## BIBLIOGRAFIA

- 1- BARCELLOS, Lia, Rejane M. CADERNOS DE MUSICOTERAPIA- Rio de Janeiro. Enelivros, 1972.
- 2- BENENZON, Rolando O. MANUAL DE MUSICOTERAPIA- Tradução de Clementina Nastari. Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.
- 3- BOURDIEU, P. (1993). Effets de lieu. In: Pierre Bourdieu, et al. LA MISÈRE DU MONDE. Paris. Seuil, p. 159-1967.
- 4- BRUSSCIA, Kenneth. Ph. D., DEFININDO MUSICOTERAPIA- 2000, pag. 239.
- 5- CHAGAS, Marly. A MUSICOTERAPIA COMUNITÁRIA - Trabalho apresentado no I Congresso latino de Musicoterapia, III Encontro Latino-americano de Musicoterapia, Buenos Aires, CLAM 2002.
- 6- CHAGAS, Marly. Musicoterapia- Uma Aplicação das idéias de Bourdieu na Análise do Panorama Contemporâneo. VI Fórum Estadual de Musicoterapia-Junho 2002. REVISTA BRASILEIRA DE MUSICOTERAPIA, Ano IV, número 5- 2001.
- 7- EUGÉNE, Enriquez. A CRIATIVIDADE NAS INSTITUIÇÕES- Documenta- n 7. Revista Brasileira de Psicologia. Ano IV, Série 1996.
- 8- GABAGLIA, Miriam Raja. PREUS. SOCIOLOGIA, PSICOLOGIA E A CIDADE- Documenta n 6. Mestrado em Psicologia de Comunidades e Ecologia Social. Ano III, Série 1995.
- 9- MACHADO, Roberto. POR UMA GENEALOGIA DO PODER- Introdução, pág. VII, Microfísica do Poder, MICHEL, Foucault. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- 10- MICHEL, Foucault. MICRIFÍSICA DO PODER- Organização e tradução de Roberto Machado.- Rio de Janeiro. Graal, 1979.
- 11- MILLECO, BRANDÃO, MILLECO, Luís Antônio F., Maria Regina E., Ronaldo Pomponét. É PRECISO CANTAR, MUSICOTERAPIA, CANTOS E CANÇÕES - Rio de Janeiro. Enelivros, 2001.
- 12- MORGAN, Gareth. EXPLORANDO A CAVERNA DE PLATÃO, capítulo 7, IMAGENS DA ORGANIZAÇÃO- São Paulo. Atlas, 1996.
- 13- SANTOS, Marco Antônio C.- CLÍNICA MUSICOTERÁPICA: LIMITES E TRANSGRESSÕES- IV Fórum Estadual de Musicoterapia, CLÍNICA MUSICOTERÁPICA: LIMITES E TRANSGRESSÕES- Associação de Musicoterapia do Estado do Rio de Janeiro, 1998.
- 14- OSÓRIO, Luíz Carlos- PRÁTICAS GRUPAIS- UM MODELO DE CONSULTORIA INSTITUCIONAL, Cap. 15.